



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOS SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

CONHECIMENTO HISTÓRICO NO PIBID PEDAGOGIA:

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Joyce Ludimile ¹

Danyelle Oliveira ²

Jéssica Souza ³

Bruna Carolina ⁴

Rosana Santos ⁵

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre como as experiências históricas baseadas nos saberes da história local podem ajudar a melhorar o aprendizado ~~do ensino~~ de história nos as-series anos iniciais do ensino fundamental. Relataremos as experiências vivenciadas como enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Para nossa pesquisa e pratica pedagógica no PIBID - Pedagogia/história, fundamentado na História Cultural ou melhor dizendo, na mesmo de Nova História Cultural, tendo como alicerce a história local através da qual onde o aluno se identifique como ator e autor integral na construção da história, elaborando e construindo seu conhecimento através de suas próprias narrativas, vivenciando tal construção através de novas experiências dentro d vividas nas aulas que nas quais lecionamos. Para o desenvolvimento de nossa pratica atuamos em uma escola Municipal de Ensino Fundamental, localizada na Região Político Administrativa (RPA) 4 do Recife. De modo geral, o trabalho com fontes históricas podem contribuir para resultados significativos.

Palavras chave: Conhecimento histórico, PIBID; Prática docente; História local; Nova História Cultural; Narrativas de sujeitos históricos

¹ [Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco joyceludmile@hotmail.com](mailto:joyceludmile@hotmail.com)

² [Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco apolinariovieira@yahoo.com.br](mailto:apolinariovieira@yahoo.com.br)

³ [Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco jessica.mfs@hotmail.com](mailto:jessica.mfs@hotmail.com)

⁴ [Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco brunacarpina@hotmail.com](mailto:brunacarpina@hotmail.com)

⁵ [Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Pernambuco rosana_ss17@hotmail.com](mailto:rosana_ss17@hotmail.com)



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOS SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo apresentar as experiências ~~que das quais~~ vivenciamos durante a elaboração e execução do plano de aula para alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola Municipal do Recife, através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Pedagogia, realizado na Universidade Federal de Pernambuco, ~~cujo que tem o~~ subprojeto ~~inclui voltado para~~ o ensino de história e conta com a orientação da Professora^a Dr^a Maria Thereza Didier. Através do PIBID--História buscamos pôr em prática ~~a teoria~~ estudos ada realizados em nossos encontros, ~~nos quais onde~~ o ensino de história se baseia na perspectiva da nova história cultural e na história local, possibilitando que ~~aos~~ alunos em nossas aulas construam seus conhecimentos através de experiências educativas.

Experiência:

Nossa prática pedagógica se baseou em BONDIA, ~~Jorge Larrosa~~ (2002), para propor uma prática educativa através da qual o aluno consiga compreender a história através das experiências de aprendizagem possibilitando dessa forma que ~~os alunos~~ sejam afetados, sintam, toquem, construam, formulem e reflitam sobre suas vivências. Para isso, buscamos formular atividades que proporcionassem a estes alunos uma nova experiência cercada de significados, contrapondo-nos dessa forma, ao modelo tradicional da educação.

Dessa forma, através das atividades que propomos em nosso plano de ação visamos construir juntamente com os alunos uma aprendizagem significativa, tendo os alunos como sujeitos da experiência.

Nomear o que fazemos, em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentido, não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. (BONDIA, ~~r~~ (2002, p. 21-).

História local

Tendo em vista que a história local nos desafia a pensar e conceber história como campo de produção de uma consciência histórica, ~~onde~~ à qual o sujeito está intrinsecamente

Formatado: Espaço Antes: 0 pt,
Depois de: 0 pt

Formatado: Recuo: À esquerda: 0
cm, Primeira linha: 1 cm



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

ligado, visamos dar sentidos aos envolvidos na ação educativa com a abordagem em nossa prática da história local como a abordagem metodológica que abarca o conjunto de experiências dos sujeitos no lugar onde os mesmos estão inseridos e também o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências. Dessa forma, ao trabalharmos a história local selecionamos as fontes mais próximas dos alunos, para podermos motivar de forma significativa, sabendo que é importante que o estudo da história local ofereça o e enriquecimento das explicações da história geral e não para destruí-la. De acordo com Burke, (1992), “Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas.” (BURKE: 1992, 12 apud ANGELA Birardi, et al).

Nova história/ história cultural

Conforme a análise feita por Burke (1992) e Pesavento (2003) a perspectiva da história tradicional e da nova história, surge a partir da escola dos Annales, sendo um contraponto sobre ao paradigma da teoria tradicional. Dessa forma, a história que por muito tempo foi “vista de cima”, baseada nas grandes histórias e grandes homens, passa a ser formulada em contraponto a tal perspectiva, surgindo assim a Nova História que vem propor uma “visão de baixo” onde as pequenas histórias formam as histórias/ história cultural/ história popular. Assim, visamos através de nossa prática com o PIBID, possibilitar aos alunos a compreensão de seu papel na sociedade e de que através de suas narrativas e suas construções, a história vai sendo tecida. Objetiva que dessa forma os mesmos possam compreender que a história é construída por todos. Assim,

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma história do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2013 p.15)

METODOLOGIA

A metodologia teve respaldo em teóricos que se debruçam sobre a História enquanto



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

narrativa legitimada também pelas vozes de pessoas comuns, ou seja, os sujeitos das histórias são e os personagens individuais ou coletivos pontuais para ressignificam e a representação da história enquanto narrativa possível e legítima.

A experiência foi seguida de três observações de aulas da professora em sua turma do 1º ano do ensino fundamental composta por aproximadamente 18 alunos. Utilizamos ainda um diário de campo, para auxiliar nossas observações, além de servir como registro e instrumento de coleta de dados. Após essas observações seguidas de estudos e orientações da docente orientadora do PIBID tivemos oportunidade de construir nosso planejamento. Nesse sentido, a reflexão-ação é— mostrou-se necessária no cenário atual para o professor pesquisador, porque permite analisar de forma ampla seus conhecimentos contribuindo para melhor aproveitamento de sua prática pedagógica.

Buscamos trabalhar com abordagem qualitativa. ~~(Minayo, (2010, p. 21),~~ descreve: “ela se ocupa nas ciências sociais a um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado, Ou seja, ela trabalha com universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. A autora citada, nos ajuda a entender que numa pesquisa qualitativa deve-se levar em consideração as particularidades do ser humano. Cada pessoa possui sua subjetividade e por isso, os dados de uma pesquisa qualitativa não são apenas mensuráveis. —Nessa etapa do trabalho buscamos confrontar nossas observações e atuações com o referencial teórico adotado.

A experiência foi vivenciada durante três aulas, através das quais obtivemos os elementos analisados no item a seguir.

RESULTADOS:

Aula 1: Eu e meu Bairro

A nossa primeira aula, buscou proporcionar aos alunos uma maior integração bolsistas do PIBID com os alunos. Dessa forma formulamos atividade de integração e levantamento de conhecimentos prévios sobre a temática a ser abordada com os alunos.

Na primeira aula, percebemos que o contato com as atividades propostas como, as



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOS SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

dinâmicas de integração e depois elaboração e exposição de desenhos, favoreceram maior reflexão para os/as alunos/as. O caderno do PNAIC – Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa de língua portuguesa dedica algumas páginas para os direitos de aprendizagem de história na alfabetização. Um dos direitos é “o direito de formular e expressar (oralmente, graficamente e por escrito) permite uma reflexão a respeito das permanências e das mudanças ocorridas nos vários aspectos da vida em sociedade, ao longo do tempo e de diferentes lugares” (BRASIL 2012, p. 29). Observamos que nossas estratégias de interação com os discentes ampliou os conhecimentos dos/as mesmos/as que conseqüentemente tiveram um melhor rendimento no que se refere ao aprendizado dos conhecimentos históricos. Sendo assim, passaram a valorizar a história local do seu bairro. Propomos também nesta aula o uso de imagens do bairro onde a escola está inserida, este contato como as fotografias e a socialização com a turma fez com que os/as alunos/as reconhecessem que seu local de pertencimento sofreu algumas modificações ao longo do tempo e, portanto tem aspectos históricos importantes que precisam de reconhecimento, com o uso das imagens os alunos também puderam perceber que o presente está carregado de passado. Ainda através desta atividade os alunos também puderam se reconhecer como construtores de história onde através de narrativas sobre vivências nos locais nos quais representamos em imagens os alunos puderam narrar suas vivências e histórias.

Através de alguns instrumentos de avaliação, como as atividades em grupo, e as observação de imagens do bairro relacionadas com a feitura de desenhos, notamos que os/as alunos/as interagiram e conseguiram compreender o que foi planejado/ensinado. Em quase todos os momentos os alunos e alunas se expressaram oralmente e coletivamente tendo participação ativa em sala de aula, o que proporcionou bons momentos de aprendizagem. “Paralelamente, é conveniente lembrar as questões relativas ao tratamento com as fontes. São questões que competem ao trabalho do historiador, independente do seu tema, objeto ou abordagem, embora a história local possa apresentar alguns cuidados específicos” (CIAMPI, 2004, p. 211). Assim, O trabalho com fontes históricas introduz no contexto escolar novas maneiras de perceber a história local além de valorizar o cotidiano do aluno.

Aula 2: O que mais gosto no meu bairro:



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A aula foi dividida em dois momentos que dialogaram entre si. No primeiro momento as crianças foram acolhidas com uma canção em vídeo animado: ora bolas do grupo palavras cantada (esta canção relaciona o local com o global). A letra desta musica estava no quadro, escrita na folha de papel 40 quilos aonde as crianças visualizaram a letra da musica e acompanharam com ajuda da professora a leitura, cantando a musica. As crianças participaram deste momento cantando a canção com ajuda da professora.

Logo em seguida, as crianças responderam as perguntas feitas pela professora relacionadas ao tema; a primeira pergunta foi: O local onde moramos faz parte do planeta? Esse local que é nosso bairro tem Historias?

A partir dessa conversa inicial, lembramos às crianças da atividade feita anteriormente que foi a pesquisa com algum responsável por elas, pesquisa essa que tinha a finalidade de levantar saberes/narrativas a respeito das historias local e comum naquele bairro do Recife. Assim, pedimos que as crianças buscassem a historia da praça Arraial Novo do Bom Jesus, conhecida na comunidade como praça do quinze. A pesquisa foi socializada neste encontro.

Nos relatos das crianças encontramos varias narrativas a respeito da historia da praça do quinze. Alguns exemplos dessa pesquisa que foi feita pelas crianças foram escritos no quadro para socialização com a turma. Entres as respostas, mencionamos as narrativas abaixo presentes nas falas dos alunos. Para preservar as identidades das crianças, neste artigo vamos nos referir a elas como criança 1, 2 e 3 respectivamente:

Criança 1: A praça do quinze antes era só campo que tinha bastante mato.

Criança 2 :Antes de se tornar a praça do quinze, o espaço onde está localizada a praça foi um palco de batalhas entre portugueses e holandeses, lá tinha um forte construído para impedir que os holandeses entrassem.

Criança 3: A praça do quinze é uma pista de corrida, e varias informação sobre a engenharia da praça.

A partir, desse momento que as crianças trouxeram resultados das pesquisas sobre a praça do quinze, a professora fez um apanhado histórico e o palco principal foi a praça do quinze. Os fatos históricos relacionados à praça foram problematizados na sala de aula, e de forma dialógica as crianças também trouxeram questões a respeito da historias, foram ataçadas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

quanto aos seus conhecimentos prévios, até chegarem à construção da noção temporal dos fatos ali expostos. Após esse momento a professora da sala das crianças, na qual estávamos realizando nossos estudos do PIBID, alertou a todos (as) que “A praça é conhecida por esse nome “Praça do quinze”, por causa de um time de futebol que foi fundado nesse local, no dia 15”. Desde esse dia ela ficou conhecida por esse nome. (Professora da turma).

Foi um momento significativo ~~par~~ da aula, porque conseguimos comparar as respostas encontradas pelos alunos percebendo que esse nome “praça do quinze” é um apelido, mas faz parte da história do bairro.

Ao contarmos recortes da história do Brasil usamos ~~foi usado~~ como recurso um pote de açúcar e o simulacro de uma barra de ouro (caixas de creme dental embrulhada com papel laminado dourado), comparado o valor do açúcar na época do ouro, assim situamos ~~nde~~ as crianças numa época da história do Brasil na qual o açúcar valia tanto quanto o ouro. Nesse ponto a dita “história oficial” passa na praça do quinze que fica ao lado da escola. A praça do quinze já foi uma espécie de forte dos colonizadores portugueses que servia de polo de resistências contra a investida de ocupação dos holandeses em terra tupiniquins.

No segundo momento, logo depois do lanche houve contação de história e a escolhida foi: Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias da autora– Ruth Rocha. Esse livro foi escolhido por conter semelhanças com nosso plano de aula, pois o personagem do livro o “Marcelo” ao renomear as coisas em sua volta resignifica seu entendimento sobre as coisas. Assim, logo depois de contar a história foi solicitado para as crianças que desenhassem locais de seu bairro que elas reconhecessem bem. Era para representar, tanto o espaço físico quanto as narrativas sobre aquele local para retratá-lo no papel e renomear dando um nome que tem significado a partir de sua história vivida. A professora pediu para as crianças socializarem as produções feitas, expôs no quadro e, logo em seguida, colou as produções na parede da sala.

Surgiram algumas renomeações feitas pelas crianças a respeito da praça do quinze: “Praça do quinze poderia se chamar praça roda de fogo; praça da amizade; praça do rio; praça amor e praça arraial”. Por isso, encontramos para essa discussão o que salienta (Gonçalves, (2007, p.176) quando afirma que “Nesses termos, cabe então precisar que nossa chave de leitura nos guia na direção do desafio de pensar e conceber a História local como campo de produção de uma consciência histórica, cujos usos valores e sentidos nos interessam



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOS SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

diagnosticar”. Por isso, nosso objetivo aqui foi o de Reconhecer a história do bairro de Torrões.

Aula 3: Minha rua, minha Escola

A terceira aula teve por objetivo, levar os alunos a compreenderem a importância da relação da rua e da escola com praça localizada próximo à instituição, tendo em vista que esse é um local muito presente no dia-a-dia dos moradores do bairro e, seu reconhecimento faz parte do contexto dos alunos. No início das regências os alunos não tinham muito conhecimento sobre esse local, apenas sabiam o nome do bairro e após algumas aulas propostas observamos que seu conhecimento foi ampliado. (Schmidt, (2007, p.187) ~~PROFESSORA, PORFAVOR, NOS DIGA O ano do texto~~) enfatiza que “reconheço ee mais na história local existe um valor pedagógico porque ela coloca a criança em presença de realidades”. (SCHMIDT, 2007, p.187, apud COUSINET, 1950). Neste sentido, a escola deve ampliar esse contato proporcionando práticas pedagógicas que desenvolvam a criticidade no aluno ajudando a criança a perceber que também é um sujeito histórico.

Como atividades para esse dia utilizamos leitura deleite, como o livro: “Essa rua é Nossa” —de Beatriz Meirelles. Percebemos que os alunos dialogaram bastante com essa atividade demonstrando compreensão textual. Com essa atividade também, foi possível fazer relação com a temática da aula, já mencionada acima. Outras atividades foram realizadas neste mesmo dia, exibimos vídeos e confeccionamos maquetes feitas em caixa de papelão. Os alunos puderam expressar o que entenderam da aula e representaram ruas na maquete ~~parecidas com~~ representando as ruas deles, fazendo relação com a história local de cada um. Nessa relação, Ciampi, nos adverte que:

A história local não é necessariamente o espelho da história de um país e de uma sociedade, pois se o fosse o negaria a mediação em que se constitui a particularidade dos processos locais e imediatos, que não se repetem no processo mais amplos, mais com eles se relacionam. (CIAMPI, 2007, 4, p.211).

Com essas palavras da autora, podemos concluir que é importante se debruçar sobre o ensino da história local que não precisa ser mera repetição de fatos ou datas. O docente que reconhecer esse fator facilitará a formação da consciência histórica no sujeito.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

CONCLUSÃO

Com esse estudo, constatamos a relevância do tema que nos deu subsídios para refletir acerca dos conhecimentos históricos existentes. O professor tem papel primordial, pois através de práticas pedagógicas pode ajudar a ampliar o conhecimento do aluno. O ensino de história local tem sido atualmente um desafio, porém não deve ser esquecido no âmbito escolar, porque a formação da consciência histórica nos discentes pode ser construída desde as séries iniciais. Nesse caso, irá repercutir de maneira significativa na vida da criança que por sua vez passará a valorizar o seu bairro ou local que também lhe pertence.

Consideramos que o trabalho da professora da sala de aula das crianças que realizamos nosso trabalho do PIBID se estabelece de forma interdisciplinar e através de boa comunicação com todos os agentes da escola. Essa é uma prática muito importante, pois valoriza o conhecimento prévio do aluno e ajuda a entender que as disciplinas dialogam, já que o saber não se dá de maneira fragmentada. Salientamos, que o trabalho do professor (a), precisa ser contextualizado com a vivência na qual os estudantes estão inseridos. Dessa forma, o aluno sentirá que faz parte da história ensinada em sala de aula.

Assim, sugerimos a continuação de estudos nessa área, tendo em vista, que esta é uma pesquisa em andamento, uma vez que nosso trabalho com o PIBID continua se desenvolvendo, e conclusão. Contudo, este estudo nos ajudou a refletir sobre nossa prática pedagógica, buscando os referenciais teóricos que nos auxiliem nesse processo. Assim, percebemos que as crianças desenvolveram aprendizagens sobre os conhecimentos trabalhados e ampliaram seus saberes históricos com atividades que os ajudaram a refletir sobre suas ações.

REFERÊNCIAS:

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Visitado em 24/05/2014.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

BURKE, Peter. **A nova história, seu passado e seu futuro.** Disponível em: http://etnohistoria.fflch.usp.br/sites/etnohistoria.fflch.usp.br/files/Burke_Nova_Historia.pdf. Visitado em: 24/05/14.

BURKE, Peter. A escrita da história. Novas perspectivas. In: **Abertura: A nova história seu passado e seu futuro.** Lopes. Editora UNESP, 1992. ~~p.7-37.~~

CIAMPI, Helenice – **Os desafios da história local**– In: Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas/ Ana M^a F. C. Monteiro, Arlette M. Gasparello, Marcelo de S. Magalhães, orgs. RJ: MauadX/FAPERJ, 2007,

GONÇALVES, Márcia de Almeida. História Local: **O reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância.** In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(orgs). Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

MINAYO, Cecília de Souza (Org). Pesquisa social: teoria método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História e História Cultural.** 2^a ed. **Belo Horizonte:** autêntica, 2013.

PNAIC MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO Secretaria da Educação Básica – SEB Diretoria de Apoio à Gestão Educacional **Direitos de aprendizagem em História no ciclo de alfabetização.** Brasília 2012 p. 29-35. Disponível em: <http://www.criciuma.sc.gov.br/site/upload/ckfinder/files/Unidade%202002%20Ano%2001%20AZUL%20%28Completo%29.pdf> Visitado em 24/05/2013.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica.** In: MONTEIRO, A.M.F.C.; GASPARELLO, A.M.; MAGALHÃES, M.S. *Ensino de história:* sujeitos, saberes e práticas. (Orgs.). Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.